



Festas Nicolinas

O Pregão de S. Nicolau

RECITADO POR

Antônio Gualberto de Oliveira Pereira
aluno do 7.º ano do Liceu Nacional de Guimarães

DEDICATÓRIA:

a *João Mendes Ribeiro*, velho Nicolino,
por ter albergado a nossa Associação no Palácio
dos Almadas.

Senhores que passais, carecas e lanzudos
Ides ouvir de novo a voz do nosso Santo
O bom São Nicolau que pode mais que tudo
E vai justificar de pronto o vosso espanto:
Manter a tradição é um caso bicudo
Mas ela assim ordena e vamos sem quebranto
Mantê-la a todo o transe e em voz de veludo
Falar da Vimaranes que adoramos tanto!

Aqui vem o pregão que há tantos anos já
Anima em Guimarães as ruas neste dia
Pedindo a quem nos manda aquilo que não há
E outrora, Senhor, o Rei nos prometia!
Mas antes de falar da nossa sina má
Fala em nós a saudade e vive a nostalgia
Dos que d'alma no Céu o nome deixam cá:
Sampaio, Caldas, o Cónego Zé Maria ...

E tantos nomes mais de pronto nos ocorrem
A recheiar de Sonho a nossa Tradição
Que julgamos saber que os Homens não morrem
Se um dia zabumbarem toques de Pregão!
O mal do recordar são os anos que correm
— Viver é para já a nossa obrigação:
Que os nomes em repouso ora se desforrem
Forçando a maçaneta afoita em vossa mão! ...

Caluda Poviléu! Agora é outro motel
Muito vamos dizer e o mais fica no saco
Pois cada um sacode a água do capote
E o tempo p'ra falar até está muito fraco ...
Perdoai que em melindre a palavra não brote
Pois não posso da broa tirar grande naco:
O maldito pigarro não me larga a glote
Tão constipado estou, todo feito num caco!

Da cidade velhinha a malta de Minerva
Aprende a falar de há muito sem rodeios
Tanto amor que lhe tem e tanto o exacerba
Não ver realizados seus pobres anseios:
A falta da tal «guita», a falta da tal verba
A que uns tantos pipis chamam falta de meios
Obriga-nos a por nossos jardins a erva
E 'spalhar com cuidado o lixo nos passeios! ...

A nossa Guimarães, cidade tão benquista
Apesar de velhinha e de um tanto alquebrada
Fez aos «mouros» do Sul uma nova conquista
E transitou postura lhe foi aprovada:
Lá conseguiu botar consulta de dentista
E apresentar-se agora toda remocada
— Ó milagre do Céu! Ó coisa nunca vista! —
De placas novinhas, toda sinalizada ...
Nada porém resolve; o feito é quase nada
Se não se resolver retirar as carreiras
Do Tournal que se pensa a Central mais azada
Das Viaçãoes, dos Soares e dos Ferreiras ...
Porém nosso elogio a essa afortunada
Ideia de plantar, entre outras brincadeiras
Ali pelos Navarros, obra apilarada
A nossa «Miss Nacional das Passadeiras»!

Certa noite passou ali pelos Pombais
Num barulho infernal tanta maquinaria
Que o Povo estranhou mas spube nos jornais
Que ia começar — ó qu'obra! — a rodovia!
E fez-se na cidade uns pasmos bestiais
Ouve logo foguetes, festa e alegria
Até que o Convívio achou que era demais:
Festas ainda vá ... estradas não fazia!
Pois terás, Guimarães, em breve a rodovia
A levar para o Porto em grandes camiões
O que outrora, senhores, a Indústria não vendia
Só à mingua de ter estrada em condições!
Pois não será demais a nossa fantasia
Se vemos no Tural enormes batelões
A carregar na estiva a mercadoria
P'ra despacho veloz nos portos de Leixões ...

E terão os produtos tal escoamento
Que se pode dizer sem fazer ironia
Que se vão dispensar os Bancos de Fomento
O prego, o Totobola, até a Lotaria:
A rodovia pois, será o monumento
Erguido ao Progresso em ritmos d'orgia
Se a «verba» não faltar ao nobre pensamento
Que em sonhos a traçou p'ra nos dar alegria!

E tantos Bancos há e tantos vão abrir
Que nem se sabe já qual é o derradeiro:
Sabemos que nenhum pretende construir
Mas apenas fazer obras em pardieiro ...
Ficamos sem saber se andam a tenir
E vêm para aqui à caça do «matreiro»:
Se querem emprestar ou vêm p'ra pedir
Se nos trazem fatura ou falta de dinheiro!

Santa Clara cresceu! Parece um armazém
Onde a cidade mete o pouco que lhe dão:
Foi outrora Liceu, Internato também
Alfobre de Vontade, Querer e Ilusão ...
É Escola afinal e a Câmara lá tem
A título precário (?) a tosca instalação
Onde humilde reune a trabalhar por Bem
Quem tão bem representa o Berço da Nação!

Ali está a Penha, sonho, maravilha
Onde águas namoram, outros vão namorar,
Cujo fraguado ao sol do nosso Outono brilha
Há flautas de Pan, mil ninfas ao Luar:
Espera doce Penha, espera minha filha
Terás elevador, Pousada p'ra jantar
Quando a Lua distar apenas uma milha
E a Junta de Turismo a sede lá montar ...

Lá para Creixomil um clarim escuto
Numa chamada breve, as tropas à parada:
Em chegando porém, depressa, num minuto
Não encontrei quartel, nem cavalos, nem nada!
Mas 'stava ali sentado um velhinho astuto
Que disse para mim em vós esganiçada:
— Não queirais o quartel, pedi um Instituto
Porque o Porto já tem a tropa aquartelada ...

Ó soldados da Paz por tantos esquecidos
— Ao toque de «Fogo» correi a bom tropel
Mas olhai para mim, abri bem os ouvidos
Porque ides ter em breve um digno quartel:
Ao velho não ponhais nas janelas mais vidros
Que pintar a fachada é 'stragar o pincel
E já trinta engenheiros foram incumbidos
De um projecto catita lançar no papel!

Que saudades nós temos dos tempos passados
Que infelizmente vão e nunca voltam mais:
Quando teremos nós novos «comunicados»
De lutas intestinas pelos Hospitais?
Será que os mesários saíram cansados
Só porque a portinha girava demais
Ou porque os penachos estavam desbotados
E tudo era sòmente «lutas penachais»? ...

Vós, donas de casa, em geito repousado
Dai um beijo de adeus à vossa linda filha
Que vai agora mesmo ter c'o namorado
Tão farto de esperar, c'os nervos numa pilha:
Não esqueçais porém de ter o bom cuidado
De correr à torneira e encher uma bilha
D'água municipal, líquido abençoado
Que tantas vezes falta em falta que vos ... trilha!

Mal aberta a torneira, artes de Belzebu,
A água já não corre e por fado daninho
A maldita parece imitar um perú
E começa a grulhar de um modo tão certinho
Que se ouve nitido um sonoro glu-glu:
Nem a roupa lavada ao vosso maridinho
Nem ao bebé lavar delicado tutu
Nem a água mudar ao tropical peixinho! ...

E se esta falta grande tanto vos enerva
Que desateis em choro e pensais disparates
Invocando p'ra liça as hostes de Minerva
E ofendendo assim a paz lá dos Penates
Pensai que tudo é ao fim «falta de verba»
— Que a Câmara só tem p'ra pequenos biscates
E água não possui em bastante reserva
Que possa dispensar das Taipas o Eufrates ...

Procurai prevenir, fazei umas reservas
Usai tachos, panelas, caçarolas várias,
Afogai no penico a vossa dor acerba
Usai metamorfose e sede dromedárias:
Morrem pelos jardins de sede as tristes ervas
E a Câmara sofre de dores tão primárias
Que certamente e só por falta das tais verbas
Põe em risco de morte as vossas culinárias!

Na cidade porém nem tudo corre mal
Como pode par'cer pois já qualquer turista
Pode avançar da Tulha directo ao Tural
Indo por São Crispim, viela tão fadista!
E pode visitar casa medieval
Em São Tiago a praça que logo o conquista
Com roupa pendurada em enorme estendal
Que pela estranja é coisinha pouco vista ...

O nosso Vitória traz a malta babada
Se tivesse mais «pasta» o campeão seria
Pois joga p'ra valer, numa franca toada
Tem equipa de garra e tem real valia!
Ao benfica ganhou por zero a nada
Pois «Caseiro» apitou quando a bola seguia
Directa p'ra baliza e numa tal jogada
Que se fosse ao contrário não apitaria ...

Porém p'ra fazer raiva a muito barrigudo
Que julga que isto é apenas pasmaceira
Nós temos um tapete e praticamos Judo
Ali no Pavilhão em arte verdadeira!
Se a FNAT o fizesse um pouco mais graúdo
E na Piscina ao lado uma prancha altaneira
O nosso Zé Maria até ficava mudo
E curava de vez a falta de banheira ...

É tal o nosso fado, são tantas as penúrias
Que afligiram sempre o cofre camarário
Tal o nosso tesouro e acervo de lamúrias
Que se prendeu a nós em sestros milendários
Qu'inda nem Viriato andava nas Astúrias
E já por cá havia um probo funcionário
Que mandamos ao Porto fazer umas presúrias:
—Vimara é nosso, ninguém diga o contrário!

Já muito foi dizer e mais será inglório
Pois já nem vale a pena falar dos Correios
Cujo palácio é para nós ilusório
Sonho de tempos idos, revoar de anseios.
Esperamos há muito e há cartas de Sertório
A pedir para cá algo mais que paleios:
Valha-nos quem pode, valha-nos São Gregório
Em pedido capaz, directo e sem rodeios! ...

Ó meu amigo Zé não fiques absorto
Que se isto corre mal, lá fora 'inda pior:
Há no Viet já cada minuto um morto
E no Biafra a coisa não está melhor.
Bebe maduro ou verde, ou bebe mesmo Porto
Porque o mundo agoniza em último estertor
Enquanto a ONU converte o Direito em torto
A guerra é um brinquedo, a Paz abanador!

Vai o mundo cheio de estranhas ironias
O Direito morreu é hoje tábua rasa:
Gigantes de avental são as mulheres a dias
Que só sabem varrer fora de sua casa!
Há «projecteis» de Paz, planos e fantasias
De quem com ferro e fogo todo o mundo abrasa
Combinando entre si bem loucas tropelias
E de «carta» na manga à espera duma vaza ...

Porém cá para nós, 'inda c'o mundo caia
Qual nave espacial perdida em sua rota
Nada mais se inventou melhor que a mini-saia
P'ra deixar descoberta a perna da garota:
Mesmo que desde há muito a gente se distraia
Botando p'ra tal coisa olhadela marota
Sente a pena de ver que esta moda dá raia
Pois anda por aí muita perninha torta! ...

Porque a malta é reguila e anda bem desperta
E de saias percebe e tem autoridade
Aproveita o Pregão, lança o grito d'alerta
E põe de sobreaviso as damas da cidade:
A moda fica bem, é coisa muito certa
É toda Primavera e toda mocidade
Mas seria melhor que andasse encoberta
A perna que passou dos trint'anos de idade! ...

Porém damas gentis de riso cativante
Que a cidade alegrais no passo aligeirado
Vois sois o nosso encanto e mesmo de turbante

Mandai — porque mandais e tudo vos é dado!
Agarrai a maçã que num gesto galante
— Apesar de este ano ter um preço danado —
Levanta para vós a lança do estudante
Qual mensagem de Amor de bom significado ...

Apesar de tudo, mau grado os foguetões
Que para a Lua vão, cruzando o infinito
Um fogo bem maior abrasa os corações
De quem no estudo tem um azar inaudito:
Vão num missel de Amor as nossas ilusões
Carta de namorado é nosso ponto escrito!
Ponde no olhar vosso o fogo dos vulcões
Deixai Cupido à rasca, deveras aflito ...

Desconfiai porém dos alarves pimpões
Que andam por aí no nosso Portugal
A passear casacos, grandes medalhões
Cabeleira de bicho e botões de metal:
São «Hipes» a fingir, tolas imitações
Dos que vivem na Mancha para além canal
E que tiveram já as régias permissões
P'ra formarem de dois um bonito casal!

Mas de qualquer maneira a Festa é para Vós
E o Pinheiro erguido aí fica até ver
Quem no País inteiro o ergue mais que nós
Quem faz festas assim e tem maior saber!
Senhoras, vinde pois, que não dançamos só
E no Baile à compita nós queremos ter
As filhas, as mamãs e também as avós
No charlston dançado como deve ser ...

* * *

Vai longo este Pregão e vai fastidioso
Embora nos sobrasse um ror de muita treta:
Não sabe o estudante ainda ser manhoso
E só diz o que quer e lhe dá na veneta.
Malta: vamos mostrar um braço musculoso
Fazer o que a Lei manda e a Tradição decreta:
Troar como canhão num furor ruidoso
São Nicolau louvando a nossa maçaneta!

Maçanetas erguidas, fortes as pancadas
— Que do Passado vem a força do Presente —
E ressoe o ribombo de mil trovoadas
Para que a Festa viva e viva eternamente!
Batei rijo a valer, batei, almas penadas
Vingai-vos disto tudo num clamor ingente:
Arrebetai agora as orelhas tapadas
De quem podendo ouvir não quer ouvir a gente!

Guimarães, Dezembro de 1968.

A. MEIRELES GRAÇA